

**DEBATE REGRADO
– A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE
NAS TURMAS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Luciana Guimarães Soares (UFU)

proflucianagui@gmail.com

Sandro de Carvalho Teles (UFU)

sandroteles.ufu@gmail.com

Simone Azevedo Floripi (UFU)

RESUMO

Por considerarmos a importância da incorporação do ensino dos gêneros orais às práticas pedagógicas devido às suas especificidades e sistema “insanável”, optamos pelo estudo do gênero debate regrado. Entendemos que os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, em especial os do 9º ano, necessitam expressar suas opiniões de forma crítica e autônoma e consideramos o ensino dos gêneros orais da ordem do argumentar um excelente instrumento para a ampliação dessa competência. Para a metodologia da elaboração da proposta, apoiamos-nos nas contribuições teóricas basilares de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004), Mary Aizawa Kato (2005), PCN (1998) e utilizamos como material de exemplificação do gênero vídeos do Profissão Repórter (2015) e do JC Debate (2014). Como metodologia empregada, escolhemos a sequência didática, pois esta oferece ao professor uma opção de técnica para se trabalhar com o gênero oral debate em sala de aula, em especial o debate regrado. Desse modo, acreditamos que o desenvolvimento de atividades que utilizem o caráter multimodal da língua poderá contribuir para uma melhoria na competência linguística argumentativa dos estudantes o que contribuirá para o crescimento pessoal e social dos aprendizes.

Palavras-chave: Debate regrado. Ensino fundamental. Sequência didática.
Competência argumentativa. Gêneros orais.

1. Introdução

1.1. Apresentação do tema

A escola precisa pensar cada vez mais o seu papel de formação social e se distanciar da visão conteudista tradicional. Um dos caminhos possíveis é o que norteia nossa pesquisa: um projeto de ensino voltado para o estudo do gênero oral. Optamos pelo debate regrado por suas características essencialmente discursivas que requerem escolha criteriosa de repertório e abrangente capacidade na solução de problemas, além de favorecer a inclusão direta do aluno no processo de aprendizagem dos gêneros orais formais.

Com estas preocupações pedagógicas, acreditamos que a escola atual precisa estar alinhada aos estudos linguísticos sobre as multimodalidades da língua na busca da quebra do ensino pautado em uma visão dicotômica entre fala e escrita. Tal oposição estanque da língua gera uma prática hegemônica da escrita em detrimento à modalidade oral, dão que a fala possui características próprias e coesas, distintas da escrita, uma vez que produz a necessária eficácia comunicativa nos mais diferentes contextos das práticas sociais do indivíduo.

1.2. Objetivos e procedimentos

O objetivo deste estudo é apresentar uma proposta²⁷⁰ de ensino que tome o gênero oral debate regrado como prática docente viável nas aulas de língua portuguesa com os estudantes dos anos finais do ensino fundamental²⁷¹ visando possibilitar a ampliação das competências argumentativas do estudante na modalidade oral.

É importante também que os educandos percebam que cada contexto comunicativo exige um tipo de linguagem, postura, escolha vocabular, entonação, entre outros aspectos dessa modalidade. Além de levá-los a compreender as inúmeras necessidades da ampliação da expressão oral nos mais diferentes níveis de formalidade para a sua participação efetiva na sociedade.

Buscamos assim oferecer um subsídio que possa auxiliar o professor de língua portuguesa no sentido de incorporar o ensino dos gêneros discursivos orais, por entender que este possui especificações e relevância muitas vezes renegadas pela propagação de alguns “mitos”, tais como: na oralidade “vale tudo” e a não existência de um sistema insanável, tendo em vista que se considera que o estudante não necessite do aprendizado formal nessa modalidade.

²⁷⁰ O escopo desse artigo é composto por uma proposta ainda não aplicada, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

²⁷¹ Essa escolha dar-se-á pela necessidade de uma maior maturidade dos estudantes em relação ao tema proposto para o debate: “Redução da maior idade penal”. Contudo, entendemos que a proposta pode ser adequada a diferentes turmas de diferentes níveis da educação básica.

1.3. Procedimentos

Para se chegar a esse objetivo, este artigo estrutura-se a partir das seguintes etapas: revisitação do aparato teórico já elaborado sobre os estudos dos gêneros orais, em especial do debate regrado; análise da viabilidade do referencial teórico para a aplicação de uma sequência didática nos moldes de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004, p. 120); elaboração e aplicação de sequência didática; e, finalmente, avaliação da atividade proposta.

Por sua vez, a sequência didática segue as seguintes etapas: realização de debate simulado como avaliação diagnóstica para aferir o grau de conhecimento dos estudantes das turmas de 9º ano do ensino fundamental sobre o gênero; debate sobre as características do gênero debate regrado; realização do debate regrado sobre a temática previamente apresentada pelo professor e reflexão sobre as diferenças entre o debate simulado realizado na etapa inicial da atividade proposta e o debate regrado como forma de avaliação dos pontos positivos e daquilo que precisa ser repensando na presente proposta.

2. *Fundamentação teórica*

Segundo Mary Aizawa Kato (2005), apesar da alegada importância dada à oralidade, a gramática ocidental ainda é altamente preconceituosa em favor da escrita. A autora defende ainda que a linguagem escrita não deve ser definida como um conjunto de propriedades formais distintas da linguagem oral, uma vez que ambas apresentam uma isomorfia parcial, ou seja, são parte de um mesmo sistema gramatical e podem expressar as mesmas intenções, apenas utilizando-se de características específicas.

Luiz Antônio Marcuschi (2003) defende que ambas as modalidades, fala e escrita, são práticas igualmente eficazes que corroboram para uma construção textual eficaz e ampliação da capacidade argumentativa do aprendiz, contudo há de serem consideradas suas especificidades:

Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos [...]. Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. (MARCUSCHI, 2003, p. 17)

Conforme os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 25), “Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc.”, levando em conta os diferentes níveis de formalidade em situações de uso da língua.

Consonante a essas afirmações, acreditamos que sistematizar o ensino dos gêneros orais é sim função da escola, uma vez que, apesar da cultura grafocêntrica ainda perpetuada em algumas esferas sociais, tanto à escrita quanto à fala são práticas discursivas complementares e não concorrentes, que devem ser ensinadas na escola sem supremacia de uma em relação à outra.

De acordo com Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004), há uma reclamação dos professores de que os estudantes não conseguem tomar a palavra em público, não conseguem se posicionar diante de um fato, argumentar com seus pares. Essa realidade precisa ser desestimulada com práticas docentes voltadas para a ampliação dos diferentes gêneros da oralidade.

Entretanto, os professores nem sempre sabem lidar com o ensino dos gêneros orais em sala de aula, seja por desconhecimento de como fazê-lo ou por se apegarem a preconceitos sem fundamentos.

Sabendo da importância de uma reestruturação na prática do ensino de língua, pautada também no ensino dos gêneros orais, achamos apropriado oportunizar aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental uma proposta de ensino na busca por dar voz a esse jovem: o que pensa, como vê a sociedade que está inserido, seus dilemas e a formação de sua criticidade e autonomia.

3. Debate regrado: uma proposta que dá voz ao jovem

3.1. Situação inicial

Para o desenvolvimento do debate regrado, sugerimos como tema motivador para as discussões o seguinte questionamento: “*A diminuição da maior idade penal: problema ou solução?*”, tendo em vista que essa é uma discussão polêmica e atual que permeia a vida dos nossos estudantes, sobretudo aos de grandes centros urbanos; podendo se apresentar como uma oportunidade de trazer reflexão e estimular a criticidade e o respeito aos diferentes pontos de vista dentro do ambiente escolar.

A sequência didática, objetiva levar o aluno a compreender o gênero oral debate regrado como uma prática comunicativa ampliadora de sua capacidade argumentativa e reflexiva que requer escolha criteriosa de repertório e abrangente capacidade na solução de problemas.

Sabendo que “Cada gênero necessita de um ensino adaptado, pois apresenta características distintas” (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 120), propomos alguns questionamentos iniciais com o intuito de apresentar aos estudantes o formato do gênero debate. A partir dessa discussão, buscamos evidenciar que ele está inserido nos mais diferentes contextos da vida social dos indivíduos:

- 1) O que os alunos sabem sobre Debate?
- 2) Se já presenciaram algum? Somente na TV ou em outros locais?
- 3) Já participaram de algum? Quando? Qual tema?

Nesse momento, é interessante que o professor coloque os estudantes em contato com as características formais do gênero, de modo a perceber também os aspectos macro e micro textuais que marcam um debate regrado, para tanto, propomos nossa primeira produção: o debate simulado.

3.2. Debate simulado – primeira produção

Para a feitura do debate simulado, sugerimos uma breve discussão com a temática sobre a proposta de redução da maior idade penal. Cabe ressaltar que nesse primeiro momento o professor tem o papel de mediador e deve interferir o mínimo possível nas ponderações dos estudantes.

Para que possa ser utilizado em discussões futuras, indica-se que esse primeiro debate seja filmado e que, para tanto, os estudantes devem ser informados e concordarem com o procedimento. Vale ressaltar que é necessário que esse processo ocorra sem interrupções e com a fala espontânea dos estudantes.

Contudo, o professor deve mediar as interpelações dos participantes, além de previamente, e durante todo o processo, alertá-los sobre detalhes de como se portar durante o debate, tais como o respeito à fala do colega e a ordem de apresentação.

Essa produção inicial é de suma importância para a aplicação da sequência didática e para a feitura dos seus módulos. Somente depois da

avaliação do grau de conhecimento do estudante sobre o gênero, o professor terá a real visão das atividades que deverão ser elaboradas visando a uma produção final eficiente.

3.2.1. 1º Módulo: Ampliação do conhecimento sobre a temática do debate regrado

No 1º módulo, sugerimos a apresentação de um vídeo sobre o tema da redução da maior idade penal exibido no programa Profissão Repórter²⁷² da *Rede Globo de Televisão*. Essa apresentação tem por finalidade ampliar o conhecimento do estudante sobre a temática, além de fazê-los refletir de forma crítica e autônoma em contraponto a possíveis visões de senso comum.

O programa em questão apresenta os bastidores da votação da lei que versa sobre a redução da maior idade penal, opiniões pró e contra essa medida, estatísticas sobre a ocorrência ou não de reincidências de delitos envolvendo menores que sofreram medidas cautelares, a natureza desses delitos cometidos pelos menores, entre outras informações importantes para ampliação do conhecimento acerca desse relevante tema.

3.2.2. 2º Módulo: Ampliando o conhecimento sobre o gênero debate regrado

Nesse segundo momento, os alunos serão apresentados ao gênero debate regrado por meio do programa JC Debate²⁷³, da *TV Cultura*.

O programa em questão traz a temática da violência urbana sobre a ótica da banalização da violência como forma “justiçamento”, ou seja, de atos de violência cometidos por pessoas comuns sobre o pretexto que a justiça seja incapaz de funcionar de forma eficiente.

Após a apresentação do vídeo, deverá ser feita uma roda de conversa e os estudantes serão questionados sobre aspectos que puderam ser observados ao assistir ao JC Debate da *TV Cultura* no que diz respeito às especificidades do gênero debate como as que se seguem:

²⁷² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UJEDCpeGeZg>>.

²⁷³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hf7Qc6QYsJo>>.

- ✓ Como foi o comportamento dos participantes do debate diante das perguntas que eram feitas?
- ✓ Como faziam quando concordavam ou discordavam de uma opinião?
- ✓ Que tipo de linguagem era utilizada?
- ✓ Eles faziam uso de qualquer recurso da escrita?
- ✓ Eles conheciam bem o assunto que debatiam?
- ✓ Como o mediador se comportava nos momentos de maior conflito?
- ✓ O estudante é capaz de identificar diferentes formas de debates, nos mais variados contextos, em sua prática cotidiana?

3.2.3. 3º Módulo: *Comparando o debate simulado ao apresentado no programa JC Debate*

Depois de feitas essas considerações sobre as características do gênero, podemos dar início ao próximo módulo. Nele os estudantes serão levados a refletir sobre as diferenças e semelhanças existentes entre o debate organizado por eles no primeiro encontro e o JC Debate da *TV Cultura*, para tanto, sugerimos alguns questionamentos:

- ✓ A linguagem usada pelos participantes do programa foi a mesma usada por vocês quando do debate simulado?
- ✓ Vocês conseguiram argumentar da mesma forma que os debatedores convidados pela *TV Cultura*?
- ✓ Em caso de resposta negativa ao questionamento anterior, o que você acha que poderia ser feito para melhorar a qualidade de sua argumentação?
- ✓ Você se vê mais bem preparado agora para debater sobre o mesmo assunto que no momento do debate simulado?
- ✓ Você acredita que as informações obtidas nos módulos após o debate simulado, levaram você a uma melhor compreensão da temática e, conseqüentemente, um melhor posicionamento sobre a questão abordada?

- ✓ Você se sente agora preparado para debater sobre esse assunto ou necessita de maiores informações sobre o tema?

Essa reflexão é importante para que o estudante seja capaz de analisar a importância de um conhecimento prévio sobre o assunto a ser debatido, bem como a importância da ampliação da competência argumentativa tão importante para o gênero debate regrado.

3.2.4. 4º Módulo: Preparação para o debate regrado

Esta quinta etapa será destinada a organização do trabalho final. Propomos a divisão dos grupos em: debatedores a favor, debatedores contra, mediador e plateia. A esta última caberá perguntas aos debatedores de forma organizada e previamente explicada pelo mediador.

Feitas as escolhas dos participantes de cada um dos grupos de forma voluntária de democrática, um dos estudantes da plateia será selecionado para fazer a filmagem do debate regrado.

Cada grupo de debatedores poderá ser composto por 4 a 5 estudantes, dependendo do tamanho da turma e de suas especificidades; e terão como função selecionar informações para embasamento da argumentação sobre a temática da redução ou não da maior idade penal.

Para isso, deverão levantar hipóteses sobre os argumentos do outro grupo e encontrar contra-argumentos, além de atentar para a adequação da linguagem que deve ser utilizada, a escolha dos articuladores de argumentação, entonação de voz, postura corporal, entre outros aspectos inerentes ao gênero abordado.

Aos estudantes também caberá organizar dados, exemplos, gráficos, tabelas, sínteses e demais recursos que acharem necessários para o melhor êxito em sua argumentação. A forma de apresentação também deverá ser pensada pelos participantes dos dois grupos de debatedores. Se ela se dará por memorização, leitura ou fala espontânea.

3.3. Produção final

Nesta fase, os jovens deverão realizar o debate propriamente e colocar em prática todas as características que aprenderam sobre o gênero debate regrado buscando vivenciar a situação de modo mais real possível.

3.4. Avaliação da atividade

Após a produção final, o último momento consistirá na exposição dos vídeos filmados durante as aulas, para que os próprios alunos percebam a evolução obtida e assimilem a importância do trabalho realizado.

Após assistirem a filmagem do debate simulado e debate regrado é importante que todos os envolvidos, no processo, professor e estudantes, possam avaliar o trabalho realizado com o gênero, sugerimos alguns critérios para essa reflexão:

- ✓ O trabalho final atende ao gênero?
- ✓ A postura corporal, volume de voz e demais características foram adequados à situação?
- ✓ O papel de cada um no grupo foi dividido de maneira organizada e adequada?
- ✓ Todos os integrantes tiveram participação?
- ✓ Houve variedade e coerência na argumentação?
- ✓ A linguagem utilizada atendeu o exigido pelo gênero debate regrado?
- ✓ Cada um soube esperar sua vez de falar?
- ✓ A posição defendida pelos colegas foi respeitada?
- ✓ Por fim, houve aprendizado de comportamentos para a prática de debates entre o primeiro e o segundo debate?

4. Conclusão

A partir das observações teóricas que indicam um empenho dos professores de língua portuguesa para trabalharem com gêneros discursivos orais foi possível esquematizar este trabalho. Ainda é preciso que os preconceitos em relação ao ensino das especificidades de gêneros orais sejam superados para que os professores possam trabalhar devidamente as características da fala em sala de aula.

Procuramos apresentar uma metodologia embasada em princípios teóricos reconhecidos, como da sequência didática de Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004) de forma que contemplasse um gênero oral

com maior monitoramento, como o debate regrado a fim de realizamos um ensino real e efetivo da língua que os alunos/falantes se utilizam para sua comunicação diária. Além disso, ao nos basearmos em conceitos linguísticos fugimos da metodologia de ensino tradicional que tem se mostrado ineficaz.

Como percebemos, por meio da comunicação oral é possível que gêneros mais ou menos monitorados sejam contemplados, aguçando o trabalho do aluno como participante efetivo do seu aprendizado. Esse aluno, que passa a ser “poliglota da própria língua”, quando utiliza a metodologia de ensino da pesquisa-ação de Michel Thiollent (2008) passará a ter maior engajamento para a realização de uma pesquisa e reflexão sobre os usos de sua língua. Dessa maneira, esse tipo de pesquisa aqui apresentado, permite que sejam aplicadas técnicas de ensino a alunos de língua portuguesa de forma a contemplar seus conhecimentos prévios das normas da língua (cf. FARACO, 2008). A partir dessa construção de conhecimento, o nosso alunado passará a refletir não somente em relação às estruturas linguísticas da língua, características específicas de cada gênero discursivo, mas, sobretudo, terá seu senso crítico-argumentativo aprimorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa, área de linguagens, códigos e suas tecnologias. 6º ao 9º ano*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

JC DEBATE. *Debate regrado sobre violência*. 08/05/2014. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hf7Qc6QYsJo>>. Acesso em: 20-06-2016.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2003.

PROFISSÃO REPÓRTER. *Redução da maior idade penal*. 27/03/2015. YouTube. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=UJEDCpeGeZg>>. Acesso em: 20-06-2016.

ROJO, Helena Rodrigues Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 2008.